

SAÚDE MENTAL DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES

MENTAL HEALTH OF CHILDREN AND ADOLESCENTS

Dayane Nunes Rodrigues¹

Mirian Dorneles dos Santos Monteiro²

Resumo: O presente trabalho busca desmistificar o tema Saúde Mental na Adolescência, trazendo à baila assuntos relegados ao esquecimento por padrões sociais adotados pela sociedade. Este tema é de fundamental importância na contemporaneidade, considerando que há um acentuado aumento no índice de depressão entre jovens e adolescentes de 15 a 29 anos, que têm suas principais causas relacionadas às experiências de violência, condições de pobreza, rompimentos de vínculos familiares, mortes e doenças crônicas, observadas suas condições de vida e relações sociais. Dessa forma, nosso objetivo principal é sensibilizar a população alvo quanto aos perigos da falta de prevenção à saúde mental, buscando uma reflexão sobre a percepção dos jovens e adolescentes quanto às consequências do adoecimento mental e da depressão. Metodologicamente, foi realizada uma pesquisa bibliográfica, cotejando os assuntos pertinentes a nossa linha de pesquisa, subsidiando o desenvolvimento de ações como rodas de conversas, proporcionando reflexão aos participantes sobre sua realidade e percepção sobre o tema abordado. A partir de ações focais, houve um aumento substancial na procura por informações e esclarecimentos junto ao corpo diretivo das escolas e por parte dos adolescentes, demonstrando a efetividade das ações desenvolvidas no escopo do projeto, e uma acentuada diminuição nos índices de violência dentro dos espaços escolares.

Palavras-chave: Saúde Mental. Adolescentes. Depressão.

Abstract: The present work seeks to demystify the theme of Mental Health in Adolescence, bringing up issues that are neglected by the social standards adopted by society. It is of fundamental importance in contemporary times, considering that there is a sharp increase in the rate of depression among young people and adolescents aged 15 to 29, who have their main causes related to the experiences of violence, conditions of poverty, breaking of family bonds, deaths and diseases chronic conditions, observing their living conditions and social relationships. Thus, our main objective is to sensitize the target population about the dangers of lack of prevention to mental health, seeking a reflection on the perception of young people and adolescents regarding the consequences of mental illness and depression. Methodologically, a bibliographic research was carried out, comparing the pertinent subjects to our line of research, subsidizing the development of actions as conversation circles, providing reflection to the participants on their reality and perception on the topic addressed. From focal actions, there was a substantial increase in the demand for information and clarification from the school's governing body, by the adolescents, demonstrating the effectiveness of the actions developed within the scope of the project, and a marked decrease in the violence rates within the spaces schoolchildren.

1 Acadêmica do curso de graduação em Serviço Social da Universidade Estadual do Tocantins - Unitins. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7416752159320725>; E-mail: dayane.nr@unitins.br

2 Assistente Social, Professora do Curso de Graduação em Serviço Social da Universidade Estadual do Tocantins - Unitins, Mestre em Ciências do Ambiente. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5730560670906228>; E-mail: mirian.ds@unitins.br

Introdução

Este relato das experiências do projeto Saúde Mental de Crianças e Adolescentes oportunizou o trabalho junto a um público alvo na faixa etária entre 13 e 18 anos da rede pública de ensino na cidade de Palmas, municipal e estadual, em que foram abordados diversos temas voltados à saúde mental, com foco na prevenção ao suicídio. Em datas previamente agendadas com a Direção e Supervisão Pedagógica da escola, foram realizadas reuniões com a participação de alunos de cada série, sob a orientação de uma profissional de Serviços Social e as estagiárias, em que se discutiram temas concernentes à Saúde Mental da Criança e do Adolescente.

Objetivo

Sensibilizar o público-alvo (crianças, adolescentes e professores) quanto aos perigos da falta de prevenção à Saúde Mental e refletir sobre a percepção dos jovens e adolescentes ao adoecimento mental, depressão e suicídio; proporcionar uma reflexão sobre a temática proposta de modo a apresentar dados e a contextualização do que leva ao suicídio; Promover Rodas de Conversa, Seminários, Palestras, Encontros e outros, no sentido de desmistificar o tema abordado; Estimular ações de prevenção e de combate ao suicídio; Sensibilizar as crianças e os adolescentes sobre a relevância do tema e a importância do autocuidado e a empatia com o outro.

Metodologia

Visando uma maior aproximação com o público-alvo, utilizou-se como referencial metodológico a roda de conversa (MÉLLO *et al.*, 2007), objetivando transpor as barreiras existentes no tocante ao tema proposto e visando um sentimento de confiança entre a equipe e o público-alvo, dessa forma, sensibilizando todos os atores envolvidos, notadamente professores e alunos da rede municipal de ensino acerca do assunto, bem como os meios de prevenção.

Para Warschauer (2001; 2002) a roda de conversa proporciona um espaço coletivo de falas com possibilidades de diálogo, de reflexão, de empatia, promovendo a ressonância coletiva, a construção e a reconstrução de conceitos e argumentos através da escuta e do diálogo com os pares.

Na roda de conversa o espaço, normalmente da sala de aula, é organizado em semicírculo de modo a que todos possam ver todos, como uma estrutura panóptica, obedecendo ao tempo cedido pela escola parceira, ainda que esse tempo possa variar conforme as condições do encontro, do grupo participante e o envolvimento nas discussões.

A roda de conversa inicialmente é dividida em 3 momentos, sendo (1) a acolhida, em que se acomodam os alunos em semicírculo na sala de aula e a equipe do projeto faz sua apresentação enfatizando a importância do tema a ser discutido, com a utilização de recursos audiovisuais; (2) o desenvolvimento e aprofundamento das discussões acerca do tema proposto (para a efetiva participação dos alunos utiliza-se placas com frases alusivas ao tema dado, que são distribuídas de forma aleatória, de modo a suscitar a discussão); e, por último, (3) o encerramento, momento em que são consideradas as percepções dos participantes sobre o tema proposto.

Assim, podemos inferir que as Rodas de Conversa consistem em um método de participação coletiva de debate acerca de determinada temática em que é possível dialogar com os sujeitos, que se expressam e escutam seus pares e a si mesmos por meio do exercício reflexivo.

Tendo isso decidido, foi estabelecido contato com a Direção das escolas selecionadas aleatoriamente, dentro da rede estadual e municipal de ensino, apenas da cidade de Palmas, haja vista as dificuldades inerentes quanto ao deslocamento da equipe para a consecução dos objetivos, e, ato, contínuo, foi criado um cronograma de execução, face as turmas de 7º e 8º anos no ensino municipal e a turma de primeiro ano do ensino médio.

A faixa etária do projeto era 12 a 18 anos, mas no decorrer do projeto, constatou-se que algumas turmas apresentaram alunos de 10 a 20 anos de idade. Vale ressaltar que no decorrer do projeto, nos deparamos com uma faixa etária diferente daquela proposta no escopo do projeto Saúde Mental de Crianças e Adolescentes, daí a divergência entre a faixa etária proposta na inicial do projeto e aquela apresentada neste relato.

Os encontros foram realizados uma vez por semana, obedecendo a disponibilidade de turmas pela Direção e Coordenação Pedagógica das escolas alvo.

Justificativa

O tema abordado é de fundamental relevância social e acadêmica, considerando que cerca de 322 milhões de pessoas padecem de ansiedade (4,4% da população mundial), segundo dados da Organização Mundial da Saúde (OMS). No ano de 2015, ainda de acordo com OMS, o Brasil foi o segundo país com maior prevalência a depressão, ficando atrás somente dos Estados Unidos. O número de suicídio por depressão chegou a 788 mil pessoas no âmbito mundial, o que representa cerca de 1,5% da população, sendo que o público mais afetado são jovens e adolescente entre 15 a 29 anos. Com isso, percebe-se a importância de se abordar o tema proposto.

No Brasil, segundo a OMS (2018), entre 2010 e 2016 a taxa de suicídio aumentou 7% enquanto o índice global apresentou uma queda de 9,8%. A região norte do Brasil destacou-se com um aumento de 77,7%. No estado do Tocantins a situação é alarmante, dado o fato de o estado ter passado da 19ª para a 6ª posição nos índices de suicídio dos estados brasileiros. Segundo o DATASUS (2016) a cidade de Palmas apresentou 156 casos, representando mais de 50% do total de casos registrados no estado. Comparativamente, entre os anos de 2016 e 2018, os registros de casos de suicídio triplicaram no estado (FILHO *et al.*, 2019)

No entanto, esse tema ainda é estigmatizado e pouco compreendido, não só no meio acadêmico, mas na sociedade de forma geral. Para transformar esse imaginário social alguns especialistas recomendam que a sociedade dialogue com mais maturidade sobre as imperfeições, frustrações e saúde mental sem mitos, críticas e preconceitos e criem ambientes que possam incorporar e aproximar as pessoas que tenham passado dificuldades emocionais e psíquicas.

Resultados e discussão

Com uma equipe formada por estudantes, professores e servidores da Pró-Reitoria de Extensão Universitária da Universidade Estadual do Tocantins – UNITINS, por meio das atividades realizadas, foi possível sensibilizar a população sobre o tema e os meios de prevenção ao suicídio. A metodologia da roda de conversa foi seguida rigorosamente e a cada encontro a participação aumentava, e, dada a efetiva participação da público alvo, possibilitou a identificação de diversos fatores que potencializam os riscos à saúde mental.

Assim, foi possível identificar os fatores de risco de acordo com o discurso daqueles que se sentiam à vontade para contribuir com as ações, e ainda, algumas orientações foram reforçadas individualmente,

principalmente quando havia uma procura no final de cada ação.

Os objetivos previstos foram alcançados, todavia, encontramos algumas dificuldades na aplicação da metodologia adotada considerando a participação do público-alvo, talvez pelo fato de o assunto ainda ser um tabu em nossa sociedade. Em algumas escolas há uma dificuldade maior em aplicar os métodos devido o pouco comprometimento dos alunos quando o professor responsável se ausentava do local da ação, no entanto, foi possível realizar as ações de acordo com o previsto no projeto.

Foram realizadas diversas atividades e encontros para a leitura de artigos e textos diversos que versavam sobre o tema, de modo a aprofundarmos nosso conhecimento. Durante os 6 meses do projeto, ocorreram encontros diários da equipe em que se propunham atividades e demais encaminhamentos como forma de maximizarmos as ações.

Enquanto processo, as ações desenvolvidas pelo grupo foram baseadas em estudos de aperfeiçoamento técnico, de modo a prover a equipe de um conhecimento capaz de levá-los ao planejamento e compreensão, não apenas da técnica da roda de conversa, mas a própria fala daqueles que participavam dessas ações.

Desse modo, segundo Silva e Oliveira (2014, p. 7),

pode-se compreender a acolhida e escuta qualificada como uma dimensão que possibilita as primeiras aproximações com os usuários, a qual permite a identificação das demandas apresentadas pelos mesmos e início da construção de vínculos referenciais e confiança dos usuários com o Serviço Social e vice-versa.

A partir dessas dúvidas e proximidades com os alunos, quando eles expunham sobre suas emoções, seus medos, anseios e desejos, foi possível perceber o baixo impacto das políticas públicas e a presença insuficiente do estado para com aquela gente.

Posteriormente foram realizadas as visitas institucionais nas escolas com intuito de apresentar o projeto para os Diretores, Coordenadores, Orientadores e Supervisores Pedagógicos. A visita institucional à Escola teve como foco principal, reconhecer o local a ser trabalhado e sistematizar a prática junto à Instituição.

Para Sousa (2008, p. 32),

Muitas podem ser as motivações para que o Assistente Social realize uma visita institucional. Enumeramos três delas: 1. Quando o Assistente Social está trabalhando em uma determinada situação singular, e resolve visitar uma instituição com a qual o usuário mantém alguma espécie de vínculo; 2. Quando o Assistente Social quer conhecer um determinado trabalho desenvolvido por uma instituição; 3. Quando o Assistente Social precisa realizar uma avaliação da cobertura e da qualidade dos serviços prestados por uma instituição.

A visita institucional no Colégio Estadual Criança Esperança ocorreu com um membro da escola, três servidores da UNITINS, técnicos da Pró-Reitoria de Extensão, bem como com a participação de dois estagiários. Para Souza (2008, p. 34) “as reuniões podem ocorrer com diferentes sujeitos – podem ser realizadas junto à população usuária, junto à equipe de profissionais que trabalham na instituição” dando espaço a democracia de opiniões e sugestões que devem ser tomadas coletivamente.

Em visita institucional a Escola Estadual São José, houve a participação de quatro servidores da Escola bem como duas servidoras da UNITINS, técnicas da Pró Reitoria de Extensão e dois estagiários. Foram discutidas as ações desenvolvidas pela Pró Reitoria de Extensão, bem como os aspectos que se pretendem observar com a consecução do Projeto de Saúde Mental nas escolas.

Para Sousa (2008, p. 23),

Trabalhar em projetos comunitários na perspectiva ético-político defendida pelo Serviço Social, hoje, significa criar estratégias para mobilizar e envolver os membros de uma população situada historicamente no tempo e no espaço nas decisões das ações que serão desenvolvidas, uma vez que é ele o público-alvo do trabalho do Assistente Social. Assim, trata-se de um processo de mobilização comunitária.

Frente a outras visitas institucionais que foram realizadas, o Centro de Ensino Médio de Taquaralto nos chamou atenção pela quantidade de casos de automutilação, e tantos outros que vinham acontecendo. A Coordenação Pedagógica relatou-nos a importância de ter um Assistente Social e um Psicólogo dentro das escolas, por acreditar que com a presença desses profissionais haveria uma menor sobrecarga.

Diante disso, a Coordenação Pedagógica acreditava na importância do projeto sobre saúde mental nas escolas, de modo que prontamente agendou as datas para que o projeto fosse desenvolvido com os alunos. Houve uma fala da coordenadora que nos chamou a atenção quando pediu que fosse informada no caso de identificarmos algum aluno com algum tipo de distúrbio. Diante de todo o curso, foi evidenciado que o trabalho do Assistente Social é um trabalho socioeducativo de longo prazo e não de análise clínica, como a coordenadora queria naquele momento, e que por este motivo, é muito importante ter clareza das suas atribuições enquanto profissional do Serviço Social.

Contudo, o cotidiano cria armadilhas às quais o Assistente Social deve estar atento. O profissional trabalha com situações singulares, isto é, situações que, a princípio, podem parecer exclusivas daquele(s) sujeito(s) que está(ão) sendo o alvo da intervenção do Assistente Social. E nesse sentido, ele (o Assistente Social) até pode produzir um conhecimento prático dessa situação imediata que aparece no dia a dia do seu trabalho (SOUSA, 2008, p. 123).

Diante dessa realidade, foi necessário que nos posicionássemos afirmando que não estávamos realizando uma análise clínica, haja vista não seria de nossa competência ou atribuições, mas sim uma roda de conversa, na qual o principal objetivo era sensibilizar os alunos quanto aos perigos da falta de prevenção sobre saúde mental, bem como refletir sobre a percepção dos jovens e adolescentes acerca do adoecimento mental, depressão e suicídio. Após as visitas institucionais e identificação público-alvo foram preparadas estratégias para se trabalhar com a turma, como dinâmicas, vídeos curtos e slides.

A primeira roda de conversa foi realizada na Escola Castro Alves, com alunos de 1º ano com faixa etária entre 14 a 18 anos. Inicialmente, a supervisora pedagógica fez a apresentação do projeto e, logo em seguida, passou a palavra para a bolsista, que se tornou protagonista da roda de conversa e, de forma leve, abordou tema saúde mental, falando da importância de ter sonhos, objetivos, de como lidar com os problemas, entre outras situações.

No final da roda de conversa foi realizada uma dinâmica que teve como objetivo proporcionar uma reflexão sobre o cuidado para com o outro, levantamos a questão da empatia para que os alunos pudessem entender e ter muito cuidado com as brincadeiras, ou até mesmo quando falassem com o colega, pois não sabemos de suas dificuldades que vivenciam diariamente. Mesmo diante de um tema tão importante, houve uma tímida participação por parte dos alunos, apesar de alguns demonstrarem reações físicas e faciais em determinados momentos quando levados à reflexão.

O profissional deve ser qualificado para conhecer a realidade social, política, econômica e cultural com a qual trabalha. Para isso, faz-se necessário um intenso rigor teórico e metodológico, que lhe permita enxergar a dinâmica da sociedade para além dos fenômenos aparentes, buscando apreender sua essência, seu movimento e as possibilidades de construção de novas possibilidades profissionais (SOUSA, 2000, p. 122).

Com isso, percebemos a importância das leituras sobre o tema, de modo a termos um olhar além daquela realidade, ou seja, não termos um olhar positivista, na verdade, ter uma leitura da realidade mais concreta e rica, acerca da situação pautada, inscrita em uma complexa rede de relações que lhes determinam condições precárias de vida, pois às vezes, dentro da roda de conversa, alguns alunos expõem determinadas situações que se não tivermos um olhar além daquela realidade, não iremos conseguir compreender situação. Para Yamamoto (2005, p. 21), a intervenção profissional precisar ir “além das rotinas institucionais para buscar aprender, no movimento da realidade, tendências e possibilidades”.

A roda de conversa na Escola Estadual São José teve início com uma apresentação teatral, realizada pelos estudantes da escola, mas que trouxe à tona o tema de forma explicativa e bem direcionada.

A roda de conversa na Escola Estadual São José contou com a participação dos alunos de forma positiva, pois interagiram fazendo perguntas e dando seus depoimentos pessoais sobre depressão, suicídio e saúde mental. Sobre a roda de conversa, Lima e Moura (2014, p. 22) destacam que este é “um instrumento que permite a partilha de experiências e o desenvolvimento de reflexões sobre as práticas educativas dos sujeitos, em um processo mediado pela interação com os pares, mediante diálogos internos, e, ainda, no silêncio observador e reflexivo.”

Percebe-se que a equipe pedagógica da escola se preocupa com seus alunos, pois as reuniões que tratavam das ações a serem realizadas, foram sempre bem recebidas e tratadas com zelo, de forma a promover a inserção dos alunos em cada etapa.

A Pró-Reitoria de Extensão Universitária da UNITINS vem recebendo uma alta demanda de ações, no afã de promover projetos como este que são executados em várias escolas, sejam estaduais ou municipais, sobretudo devido à grande repercussão do projeto Saúde Mental, uma vez que foi possível perceber altos índices de mutilação, suicídio e bullying nas escolas atingidas pelo projeto. Todos esses apontamentos geram um sofrimento psíquico em relação aos alunos e professores e o papel das ações não consiste em agir tecnicamente diante das situações, mas orientar os alunos a conhecer mais o tema, como e onde buscar ajuda.

De igual modo, foi realizada a roda de conversa na Escola Estadual Santa Rita de Cássia. Naquele momento, discutimos sobre saúde mental na adolescência e suas implicações na vida social de cada indivíduo.

Houve a participação dos alunos de forma tranquila e, em alguns casos, algumas considerações da equipe de servidores da educação que estavam presentes.

O espaço da roda de conversa intenciona a construção de novas possibilidades que se abrem ao pensar, num movimento contínuo de perceber – refletir – agir – modificar, em que os participantes podem se reconhecer como condutores de sua ação e da sua própria possibilidade de “ser mais”. O fato de o diálogo ser posto como aberto e igualitário não significa dizer que essas negociações sejam tranquilas, visto que, nesses espaços, estão postos jogos de poderes e questionamentos às hegemonias (AGOSTINI, 2015, p. 15).

Assim, percebemos a importância das rodas de conversas, que também foram realizadas no Centro de Ensino Médio Castro Alves e na Escola Dom Alano Marie Du Noday. Ressaltamos que em todos os momentos de ação realizadas no rol de escolas do projeto, foi possível perceber que os objetivos foram atingidos.

Com as visitas institucionais e ações que foram realizadas, percebe-se que esse é um tema de fundamental importância, que precisa ser trabalhando cada vez mais para quebrar os tabus sobre o tema que ainda persistem há na sociedade, ainda que 4,4% da população mundial sofra de ansiedade, ou seja, cerca de 322 milhões de pessoas padecem desse mal, segundo os dados da Organização Mundial da Saúde (OMS). Ainda de acordo com OMS, o Brasil é o segundo país com maior prevalência a depressão, ficando

atrás somente dos Estados Unidos.

O público mais afetado são os jovens e adolescentes entre 14 e 20 anos, o que demonstra a importância da abordagem do tema saúde mental, no entanto, esse tema ainda é estigmatizado e pouco compreendido, não só no meio acadêmico, mas na sociedade de forma geral. Para transformar esse imaginário social, alguns especialistas recomendam que a sociedade dialogue com maturidade sobre as imperfeições, frustrações e saúde mental sem mito, críticas e preconceitos e criem ambientes que possam incorporar e aproximar as pessoas que tenham passado por dificuldades emocionais e psíquicas.

Conclusão

Em virtude do que foi mencionado, o projeto foi de suma importância para aprendizado da própria equipe e dos alunos, público-alvo das rodas de conversa sobre saúde mental. Foi oportunizado que a bolsista tivesse a oportunidade de ser protagonista de todas as rodas de conversas, fomentando uma vivência técnica imersa na realidade social dos alunos/escola por meio de visitas institucionais, o que propiciou à bolsista empregar todo o seu arcabouço teórico-prático na execução de todas as atividades propostas no projeto, sempre sob o olhar atento da orientadora, como suporte para orientá-la e ajudá-la nas falas, quando necessário.

Acreditamos que se faz necessário a continuidade do projeto por se tratar de um tema importante, uma vez que percebemos que o estigma, o tabu, no que se refere às questões relativas à saúde mental, se apresenta com grande força dentro das sociedades, não só por parte dos estudantes, como também vem sendo enfrentado por muitos servidores da educação, por muitas vezes temerosos de serem rotulados de “loucos”.

Em todas as ações realizadas nas escolas, ficou evidente que, além da mudança hormonal que os pré-adolescentes, adolescentes e os jovens sofrem, percebemos que muito das vezes a falta do diálogo, as dificuldades das relações sociais encontradas no meio familiar, dentro e fora das escolas, nos meios culturais, socioeconômico, exploração de todas as formas e abusos, violência e dependência química, só contribuem e acentuam de forma catastrófica a vida daqueles que se encontram em situação fragilizada.

A violência física, verbal, psicológica, conflitos na família e/ou comunidade, aspectos econômicos e falta de políticas públicas são expressões da questão social que interferem diretamente na vida do aluno e em suas relações sociais dentro e fora da escola.

Do outro lado, encontramos alguns profissionais da educação em situações parecidas com aquelas relatadas e percebidas dos alunos, bem como de uma escola que arca com uma responsabilidade que extrapola seus espaços de competência, habilidades, e por outro lado, acham-se despreparadas para lidar, muito das vezes abandonadas pelo poder público, com a demanda e complexidade de ações sobre esse tema que, por vezes, se apresenta controversas e de difícil conceituação.

Percebemos, em nossos estudos e em nossas ações, que a prevenção à saúde mental e ao suicídio é possível, mas para que isso ocorra, faz-se necessário mais diálogo sobre o tema.

O problema não será enfrentado apenas com o incentivo às práticas esportivas, boas leituras, boas companhias, boa alimentação e lazer, mas também com uma rede (família, comunidade, políticas públicas e sociais) que efetivamente se comunica, se interliga, que trabalhe em conjunto e não de forma fragmentada como vem ocorrendo.

Reiteramos a importância de se desenvolver estratégias de prevenção à saúde mental e ao suicídio, por meio de ações de cuidados, baseadas em fatores de proteção e criação de uma rede de apoio aos adolescentes. O suicídio no público adolescente constitui-se como um problema de saúde pública e apresenta-se como um alerta para que a família, a escola, profissionais de saúde e comunidade atuem de modo integrado e efetivo, com a finalidade de acolher esses jovens em seu sofrimento emocional, e assim,

prevenir adoecimento mental e uma morte evitável.

Referências

AGOSTINI, M. Limites e potencialidades das rodas de conversa no cuidado em saúde: uma experiência com jovens no sertão pernambucano. **Interface** 18 (supl2), Jan. 2015.

FILHO, E.S.S.; CORREIA, L.C.S.; LIMA, P.R.; GOMES, H.; JESUS, A.G. O suicídio no Estado do Tocantins. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, v. 11, n. 12, p. e712, 8 jul. 2019. Disponível em: <https://acervomais.com.br/index.php/saude/article/view/712/513>. Acesso em:

IAMAMOTO, M. V.; CARVALHO, R. de. **Relações sociais e serviço social no Brasil**: esboço de uma interpretação histórico-metodológica. 18. Ed. São Paulo, Cortez; [Lima, Peru]: CELATS, 2005.

LIMA, M. G. B; MOURA, A. B. F. A reinvenção da roda: roda de conversa, um instrumento metodológico possível. **Interfaces da Educação**, Paranaíba, v. 5, n. 15, p. 24-35, 2014.

MÉLLO, R. P. et al. Construcionismo, práticas discursivas e possibilidades de pesquisa. **Psicologia e Sociedade**, v. 19, n. 3, p. 26-32, 2007.

OMS (Organização Mundial de Saúde). Folha informativa Suicídio. In: **OPAS Brasil**. Disponível em: https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=5671:folha-informativasuicidio&Itemid=839 2018. Acesso em:

SILVA, N. G., OLIVEIRA, J. A. Acolhida inicial e escuta qualificada: dimensão essencial em meio ao trabalho do CREAS. In: **Seminário Integrado no Centro Universitário Antônio Eufrásio de Toledo de Presidente Prudente**, 8(8), 2014. Disponível em: <http://intertemas.toledoprudente.edu.br/index.php/SemIntegrado/article/view/4633/4395>. Acesso em: 18 jan. 2021.

SOUSA, C. A prática do assistente social: conhecimento, instrumentalidade e intervenção profissional. **Emancipação**, Ponta Grossa, 8(1): 119-132, 2008. Disponível em: <http://www.uepg.br/emancipacao>. Acesso em: 15 mar. 2020.

WARSCHAUER, C. **Rodas em rede**: oportunidades formativas na escola e fora dela. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 2001.

WARSCHAUER, C. **A roda e o registro**: uma parceria entre professor, aluno e conhecimento. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

Recebido em: 15 de janeiro de 2021

Aceito em: 19 de abril de 2021